

Entre o cristão-espírita e o afro-brasileiro: a umbanda no campo religioso.

Ana Clara Sapienci de Souza.

Cita:

Ana Clara Sapienci de Souza (2019). *Entre o cristão-espírita e o afro-brasileiro: a umbanda no campo religioso*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/1391>



Entre o cristão-espírita e o afro-brasileiro: a umbanda no campo religioso

Ana Clara Sapienci de Souza

Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender a umbanda, como campo religioso marcado pelos processos de mudanças que vivencia interna e externamente. Essa religião é um conjunto sincrético e brasileiro composto por elementos de diversas tradições religiosas; que são de natureza: católica, espírita kardecista e candomblecista. Inserida em um cenário religioso em plena transformação (ascensão dos evangélicos, queda do número de católicos e aumento do número de espíritas), está imersa em fluxos que marcam um contexto aberto às disputas simbólicas por discursos e adeptos. Em que pese a formação do campo umbandista por práticas altamente heterogêneas, em que cada casa de umbanda assume um ritual que é único, foram utilizadas duas definições de polos dentro do campo umbandista: a saber, um polo mais próximo do espiritismo e do catolicismo, o cristão-espírita, e um mais próximo das religiões de matriz africana e das práticas de religiões tradicionais, o afro-brasileiro. Essa estratégia metodológica, possibilitou o agrupamento de manifestações religiosas para a compreensão dos conflitos e diálogos essa diversidade do campo umbandista. O trabalho está dividido em três pontos de reflexão: o universo religioso brasileiro e suas transformações, a configuração do campo umbandista demonstrada por esses dois polos e um importante elemento da transformação da religião que é a presença nas plataformas digitais, como o youtube.

Palavras-Chave

Religiões afro-brasileiras, umbanda, campo religioso, Brasil.

Introdução

A vida social cotidiana dos brasileiros é permeada pelos sentidos religiosos existentes em suas práticas. Não é raro que se recorra ao mundo do além para justificar e suportar as coisas reais vividas neste mundo. Por isso, a religião é uma esfera fundamental para a compreensão da realidade social brasileira, importante para entender tanto o individual, as relações micro, quanto a estrutura social, o macro. Dentre as religiões vividas e praticadas no Brasil, a umbanda tem estado presente no imaginário popular, em que seus ritos e seus espíritos mesclam-se ao cotidiano.



A umbanda é caracterizada pelas ciências sociais da religião como um conjunto sincrético, nascido no Brasil, portanto, endógeno (Ortiz, 1978, pg. 14), composto por elementos de diversas tradições religiosas. Trata-se de um conjunto de práticas, crenças e manifestações que são de natureza: católica, espírita kardecista e candomblecista. Nesse sentido, a umbanda é o resultado de um processo de reelaboração de ritos, mitos e símbolos que, no interior de uma estrutura redefinida, adquirem novos significados (Magnani, 1986). Imersa nessa cultura popular, combina símbolos nacionais e reivindica originalidade como “a religião brasileira por excelência”.

Fundamentos teóricos e metodologia

O objetivo do presente trabalho é apresentar o campo umbandista, constituído por dois núcleos/polos fundamentais: o cristão-espírita e o afro-brasileiro. Em que ambos reuniram: agentes, rituais, práticas e discursos, pontos em comum e diferenças. Essa estratégia metodológica, possibilitou o agrupamento de manifestações religiosas, a compreensão dos conflitos e diálogos entre as vertentes e as casas e a organização religiosa. O campo umbandista é formado por práticas altamente heterogêneas, em que cada casa de umbanda assume um ritual que é único e singular. A combinação de elementos rituais de cada uma dessas variáveis é resultado da conjunção de diferentes variáveis, como: a formação religiosa de seus dirigentes, a região e cidade em que se localiza, seus frequentadores e adeptos

Em que pese apresentar os processos de mudanças vivenciados interna e externamente a esse campo – que são: os processos de transformação do próprio universo religioso brasileiro (ascensão evangélica, queda católica, crescimento espírita e decréscimo das religiões afro-brasileiras, a umbanda e o candomblé) e internamente, a mudança de discurso (veiculado por plataformas como o youtube) somado à própria natureza do campo religioso.

Em síntese, trata-se de uma tentativa de demonstrar como a umbanda (considerando o recorte de São Paulo) se apresenta dentro das mudanças externas e internas. Por isso, o trabalho está dividido em três pontos fundamentais para a análise: o universo religioso brasileiro e suas transformações, a configuração do campo umbandista demonstrada a partir desses dois polos e um importante elemento da transformação da religião que é a presença nas plataformas digitais, como o youtube.

A formulação de categorias analíticas requer o cuidado em não as transformar em tudo aquilo que, de fato, é o campo. Isso porque são categorias que por sua natureza não podem exprimir toda a complexidade do social. Por isso, estabelecer esses dois polos



possibilita não só compreender as dinâmicas inerentes a cada um, que são específicas a eles (pois lidam com grupos sociais distintos) mas também compreender a própria dinâmica entre eles, que é o que, de fato, produz as características específicas e inerentes ao campo umbandista. É na percepção das distinções entre essas duas lógicas de operacionalização do sagrado que se pode elaborar uma compreensão sobre a forma como o campo umbandista funciona, para a partir disso produzir uma teoria capaz de abarcar a sua heterogeneidade e fragmentação. Essa definição dos polos opera de forma próxima ao tipo ideal, extraído da metodologia weberiana; em que são definidas as características gerais, isoladas e exageradas de cada polo.

Para além da heterogeneidade, é preciso destacar o que faz a umbanda ser a umbanda, como um campo religioso, em que se espera haver um mínimo de coesão, expresso pelos elementos em comum existentes nos diversos terreiros. Nesse sentido, o que pode ser colocado como geral é: a união entre o culto das entidades espirituais associadas às chamadas linhas de trabalho e o culto aos orixás, ou seja, a presença dos espíritos manifestados em arquétipos por meio da incorporação e esse culto aos orixás. Por isso, em alguma medida, todas as casas de umbanda compartilham a crença em um universo espiritual, ainda que variem em sentido, existe um consenso sobre a existência e a atuação dos espíritos na vida dos indivíduos, sejam eles adeptos ou não.

Diante desse cenário, a questão principal que se coloca é a necessidade de entender como a umbanda se organiza nesse contexto e como ela constrói a sua legitimidade e de seus símbolos religiosos. Em suma, o que está em jogo é aquilo que se quer perpetuar e o que deve ser deixado de lado, e por isso, os elementos cristãos podem ser legitimadores da umbanda, pois fornecem um discurso efetivo de fortalecimento – a umbanda como uma religião boa, caridosa e gratuita. Esses elementos não são escolhidos ao acaso, mas hierarquizados, seguindo uma lógica incorporada pelos agentes do que é efetivo e socialmente aceito e aquilo que gera preconceitos e receios.

Tendo em vista que é uma religião marginalizada (pelo preconceito e pelo lugar que assume na sociedade brasileira) e em relação com as transformações religiosas vivenciadas pela sociedade brasileira. Sendo assim, o presente artigo buscará olhar para esses dois lados da religião: o que está fora e o que está dentro do campo – pensando a configuração interna em dois níveis diferentes: a tentativa de organizar a profunda heterogeneidade de manifestações em dois polos e a mudança no discurso da religião que penetra nas mídias sociais.



A configuração interna do campo umbandista

O polo cristão espírita

Em síntese, o polo cristão-espírita é caracterizado pelos elementos cristãos do catolicismo, seja pelo culto a Jesus Cristo como um organizador da prática religiosa, seja pelo sincretismo com os santos católicos, em que a identidade do santo se sobrepõe à do orixá. O polo cristão-espírita também é caracterizado pela incorporação da teologia espírita, sintetizada por Allan Kardec e Chico Xavier, que passam a ser um significador da religião umbandista, assim, os conceitos que orientam a prática religiosa espírita são incorporados na umbanda como fundamento de suas próprias práticas religiosas, como acontece com o conceito de carma e de reencarnação.

A umbanda, sob influência espírita, agrega em sua prática o princípio cristão da caridade; é a partir dele que os umbandistas significam e legitimam sua prática. Um ideal que, de uma forma ou de outra, está presente na maioria dos terreiros e ocupa um lugar central no discurso religioso nativo. Por ser o principal elemento importado do espiritismo, norteia os demais elementos oriundos dele: a reencarnação, a ideologia do carma, a manifestação dos espíritos, que estão presentes na filosofia Kardecista/espírita. Nesse contexto, a caridade pode assumir diversos significados: de ajudar na limpeza do terreiro até incorporar as entidades.

Há uma relação muito próxima entre o espiritismo e a umbanda, porque é comum que se veja a mesma base teórica nas duas religiões. Enquanto aquilo que justifica as práticas dos agentes é um todo simbólico importado pela umbanda do catolicismo, o espiritismo precisa criar estratégias para se afastar dessa outra religião (como o afastamento das manifestações dos espíritos não avançados que estariam presentes na umbanda, a deslegitimação das curas e milagres alcançados nos terreiros). É possível dizer que esse polo cristão-espírita, apesar de ter uma forma distinta de culto do espiritismo, tem como cerne de suas crenças a base filosófica e conceitual do espiritismo. Em que pese o fato de os terreiros que mais radicalizam essa incorporação dos fundamentos espíritas como orientadores de suas práticas conseguem incorporar até mesmo os rituais espíritas (ainda que essa seja uma religião ascética nos ritos, em que não há uma magificação/encantamento, mas preza pela racionalização), como a realização da leitura de um texto espírita antes do começo da gira e a realização da prece de caritas.

Do catolicismo, importou-se uma estética similar (imagens, velas, datas comemorativas, a presença ocasional da bíblia) e o expressivo culto a Jesus Cristo, sincretizado com o



orixá Oxalá, também interpretado como mestre e senhor, ocupando lugar central no congá/altar. Além disso, o catolicismo se faz presente na forma de culto aos santos, para além daqueles sincretizados em orixás, como São Benedito e Nossa Senhora Aparecida nas rezas, cantigas devocionais e benzimentos (executados ou não pelas entidades), tratados como serviços religiosos. Os elementos incorporados à religião vêm, sobretudo, do catolicismo popular. Isso porque o primeiro está ligado às camadas populares, em que o conhecimento tradicional e as relações entre as pessoas têm o protagonismo na produção religiosa, já o segundo, em sua forma padrão, eclesiástica, tem um preciosismo em sua prática que pouco tem a ver com o cotidiano das pessoas das classes sociais mais baixas, assim esse catolicismo urbano e formal tem menos apelo que o catolicismo popular, que consegue produzir uma crença muito mais íntima e horizontal.

O polo cristão-espírita tem uma profunda presença da moralização como orientadora das práticas, sob a forma da caridade, a qual permeia todo o discurso adotado pelos adeptos desses terreiros. Essa moralização se faz presente em muitos terreiros e como discurso dominante pregado pelos adeptos nas mídias digitais, apresentando como características: uma concepção de um deus transcendente, onipresente, onipotente, dotado de uma sabedoria universal, a concepção de pecado, sobre aquilo que seja certo e errado, ou seja, há uma conduta ideal para os fiéis umbandistas, que passa pela absorção, em alguma medida, das virtudes cristãs. Sendo assim, os espíritos manifestados no culto são incluídos nas lógicas de evolução carmíca e da caridade como um caminho único para o progresso do espírito em direção à ascensão evolutiva e à iluminação. (Negrão, L. N., 1996, p. 367)

Nesse sentido, os componentes míticos e rituais que foram importados das tradições afro-brasileiras, quando se fazem presentes, são neutralizados, isto é, resignificados a partir do discurso moral (Negrão, L. N., 1996, p. 32). As entidades mais contraventoras adquirem um outro significado, os exus tornam-se guardiões, capazes de proteger e são dotados de uma imensa sabedoria, em acordo com os valores espirituais da evolução e do discernimento importado do espiritismo.

O polo afro-brasileiro

O polo afro-brasileiro se caracteriza pelo distanciamento ou a contraposição dos elementos cristãos (do polo cristão-espírita), com uma maior proximidade da estética do candomblé: seja a paramentação dos praticantes, as imagens de culto utilizadas, a forma de organização do culto, bem como a estrutura ritual com os cantos e rezas e a



realização dos trabalhos espirituais, como a iniciação. Outro elemento desse polo é o destaque dado aos cultos da linha da esquerda, que são os exus, essas entidades assumem um papel importante na realização dos rituais. Em linhas gerais, esse polo se caracteriza menos por um elemento fundamental marcante e mais por ser o oposto do polo cristão, em diversos sentidos.

Por outro lado, pode-se definir o polo afro-brasileiro simplesmente pelo distanciamento – esclarecido e “consciente” – do cristianismo, como um movimento que vem tomando força nos terreiros e no discurso umbandista, seja pela atuação do movimento negro, que ao retirar o sincretismo religioso cristão das roças de candomblé, acabou por influenciar alguns adeptos umbandistas; seja pela negação tradicional dos ideais e dos dogmas que historicamente acompanham o cristianismo e o espiritismo. Um exemplo disso é a cobrança dos trabalhos, um valor contrário à caridade pregada pelos adeptos do espiritismo, a cobrança seja ela justa ou injusta coloca à prova a identificação espírita do terreiro.

O candomblé não é um todo homogêneo, sendo constituído por diversas nações, que perpetuam tradições diferentes, como angola, congo, jejê, nagô, ketu, ijexá, em que é possível distinguir pelos diferentes toques de atabaques, pelas músicas, idiomas dos cânticos, pelas vestes e pelo nome das divindades (Bastide, 2001, pg 17). Mas pode ser caracterizado por uma maior homogeneidade de ritos, sobretudo dentro de cada nação, em que se responde a uma hierarquia bem definida, com ritos a serem seguidos com um maior rigor. Há uma maior referência à ancestralidade e aos ritos africanos, como uma referência a ser seguida pelos adeptos na vivência religiosa. Sendo assim, a umbanda mais próxima do candomblé busca incorporar, em alguma medida, esses valores professados pela religião africana.

O polo afro-brasileiro da umbanda (por sua maior proximidade com o candomblé), não estabelece com tanta determinação a distinção entre o certo e o errado, os indivíduos têm suas atitudes julgadas por meio de uma relativização, rompendo com a moralização determinista. Como esse polo tem menos influência direta do espiritismo, os conceitos de carma também aparecem de forma mais secundária, não tendo uma importância fundamental para seus adeptos, por isso, os trabalhos espirituais não são condenados, assim como a cobrança por eles. Já que não há uma determinação maniqueísta do bem e do mal, nas situações das quais as pessoas se queixam ao procurarem esses prestadores de serviços religiosos há uma relativização de suas participações, ou seja, o cliente é entendido como uma possível vítima, de um trabalho realizado, já que estão



lidando com um universo social competitivo, como demonstrado por Lísias Negrão (1996), essa moralidade está “assentada no sentimento de justiça peculiar àqueles que vivem em meio basicamente competitivo e conflitivo, desprovidos de recursos materiais eficazes para o enfrentar a luta cotidiana pela vida e superar os problemas que suscita.” (Ibidem, p. 372)

O youtube umbandista

Os meios digitais como uma nova forma de comunicação religiosa assumem no campo umbandista, sobretudo entre os mais jovens, uma importância nada discreta. Essa presença na internet se dá, principalmente, pelos vídeos publicados no youtube em canais especializados na religião. O youtube umbandista, aqueles canais que se dedicam a produzir conteúdo dentro desse nicho temático religioso se dividem entre dois diferentes públicos alvo: os adeptos e os leigos, os convertidos e os curiosos. Esses espectadores encontram vídeos de variados temas - dentro da religião: há os especializados em músicas (gravação de pontos cantados), os que esclarecem dúvidas e tentam produzir um discurso sobre os “fundamentos” da umbanda, aqueles que buscam esclarecer o básico (como o que é a religião, o que são as linhas de trabalhos), aqueles que produzem entrevistas com entidades incorporadas em médiuns, ou até mesmo os que buscam esclarecer dúvidas e dar conselhos às histórias enviadas pelos espectadores. Mas, principalmente, sustentam um discurso específico sobre a religião: a umbanda como uma religião da prática da caridade, ou seja, uma religião que é ‘boa’, que ‘faz o bem’, condenando publicamente as práticas que estão em dissonância com essa imagem idealizada.

O processo de idealização é capaz de resumir o discurso umbandista desses agentes. A idealização é, por definição, imaginar ou enxergar uma realidade de forma perfeita, eliminando os defeitos e os problemas existentes, para criar, em detrimento deles, uma imagem do ideal. É isso que os canais de umbanda fazem acerca da religião - produzem um discurso, que é produzido pensando em uma divulgação eficiente e colocação da umbanda em uma posição mais favorável/legítima dentro do campo religioso. Por isso é tão importante a reafirmação produzida por eles do bom e do caridoso, porque a umbanda, por ser uma religião em uma posição desfavorável, que sofre diversos ataques e sob a qual recaem inúmeros tabus e preconceitos ela precisa criar estratégias que produzam uma legitimação e um fortalecimento.

Definindo o que é a umbanda, a partir da idealização produzida por esse discurso, eles conseguem se afastar daquilo que foge desse discurso, justificando que é outra coisa,



mas não umbanda, retirando do campo umbandista e deslegitimando aqueles terreiros que têm outras práticas que não essas que são legitimadas por aquilo que pretende ser o discurso oficial da umbanda. Mas isso também é acompanhado de uma pretensa uniformização da religião, que busca homogeneizar todos os terreiros como praticantes de uma só umbanda, apesar das distinções de culto que haveriam, existe a prática de uma religião que é a mesma, ou seja, segue os mesmos princípios.

Como dito, o campo umbandista é composto por uma grande fragmentação em que há uma relação de desconfiança e concorrência entre os terreiros, que não necessariamente praticam a mesma forma de culto, por isso, muitas vezes, os canais se dedicam a responder dúvidas de adeptos ou leigos que frequentam casas umbandistas. O que é um produto direto de uma nova forma de consumo da religião: ao chegar nos terreiros, com a referência do que foi aprendido na internet, há um conflito, porque é comum que a umbanda dita nos canais não seja a mesma do terreiro visitado, assim muitas dúvidas são criadas, ou ainda, os canais passam a disputar indiretamente a legitimidade dos ensinamentos com o dirigente, ou seja, um neófito que consome o conteúdo no Youtube passa a ter uma demanda de homogeneidade dos rituais/ensinamentos apresentados pela internet e aqueles adotados pelo dirigente, nos terreiros que frequentam.

Os canais popularizam e tornam de fácil acesso um conhecimento que antes estava restrito aos dirigentes, mas principalmente, mudam a dinâmica da obtenção do saber e a consolidação das regras de conduta da religião. Instituem uma visão legitimada, como por exemplo: a proibição do sacrifício animal, da cobrança de trabalhos, da realização de 'magias negras' como as amarrações amorosas; excluindo da categoria "umbanda", tudo o que se coloca à margem dessa visão oficial, vinculada por esses líderes religiosos das mídias sociais.

Cria-se então um doxa, um conjunto de elementos que devem ser seguidos para que se possa ser incluído no campo, uma visão de mundo legitimada, no entanto, apesar de ser um discurso que tem força e seguidores, ele não é capaz de englobar todo o campo, ou seja, se um determinado terreiro realiza amarrações amorosas e se considera umbandista, não há uma instituição e nem um discurso capaz de reverter essa identificação, é possível diminuir sua legitimidade, mas não se pode excluí-lo por completo.



A umbanda no universo religioso brasileiro

A umbanda está inserida em um cenário religioso de plena transformação – ascensão dos evangélicos, queda do número de católicos e aumento do número de espíritas –, e imersa em fluxos que marcam um contexto aberto às disputas simbólicas por discursos e adeptos. No censo demográfico, a umbanda, inserida na categoria de “religiões afro-brasileiras”, perde adeptos enquanto o candomblé cresce. Se, por um lado, há subestimação do número de adeptos das religiões afro-brasileiras, por outro, essa diminuição pode significar fragilidade em fortalecer seus adeptos e encorajar a auto declaração ou permanência diante das possibilidades de conversão. Diante disso, é necessário compreender como a umbanda se posiciona nesse cenário; já que cada terreiro é uma unidade singular, se organiza, se divide e se coloca dentro desse campo em transformação em que a religião está inserida.

A ascensão evangélica – não só em números, mas no nível cultural – é o principal elemento de mudança do cenário religioso brasileiro; atingindo diretamente a umbanda, que passa a ter que responder de alguma forma a essa transformação, pois estão próximos em um contexto conflituoso. São religiões que lidam com camadas sociais similares – baixa renda e escolaridade –, direcionando a hostilidade e o proselitismo aquele que é, de fato, o concorrente mais direto; ambas seriam formas de atuar/existir no mesmo contexto social, locais onde os fiéis buscam cura para os diversos males que os afligem (Fry e Howe, 1975).

Enquanto a umbanda perde adeptos, o neopentecostalismo cresce, sustentado pela Teologia da Prosperidade, um importante instrumento de conversão; que inverte o velho ascetismo pentecostal e promete bens materiais, prosperidade, poder terreno e redenção da pobreza, que é um sinal de falta de fé e desmerece qualquer pretendente da salvação divina, tendo em vista que a valorização da prosperidade é justificada pela ideia de escolha dos “filhos de deus”, pois os reais servos de Deus nunca serão párias sociais (Mariano, 1999). O que é oposto à ideologia espírita do carma presente na umbanda, em que se deve praticar a caridade e desapegar de dádivas terrenas, aceitando a posição social desfavorecida como uma forma de prova terrena de faltas cometidas em vidas passadas e caminho incontornável para a evolução espiritual e redenção.

Esses elementos cristãos podem entendidos como signos de distinção, pois são a referência simbólica do discurso utilizado pela umbanda em busca da legitimidade. Essa distinção seria uma das formas de hierarquizar os agentes nas disputas no campo



religioso, buscando proximidade com os elementos dominantes no campo religioso brasileiro. Isso porque, no limite, o cristianismo é a língua franca no mercado religioso brasileiro - católicos, evangélicos e espíritas somam mais de 95% da população nacional (Souza, 2016), conforme censo demográfico de 2010 – constituindo-se como hegemonia cultural.

As denominações neopentecostais protagonizam uma ostensiva “guerra religiosa” contra as entidades afro-brasileiras (Mariano, 2003; Almeida, 2009). Entretanto, esse neopentecostalismo macumbeiro (Oro, 2004) – sobretudo da IURD – incorpora em seus cultos referências das religiões afro-brasileiras (exorcismos, bênçãos, entidades), havendo um trânsito das entidades/elementos do terreiro para as fileiras iurdianas, onde passam a ser demônios, evidenciando o conflito religioso. Essa relação simbiótica expressa pela postura combativa gera uma relação singular entre IURD e religiões afro-brasileiras, já que “a Universal dependeu delas para construir parte de seu universo simbólico, como se ela se alimentasse daquilo que propunha combater (Almeida, 2009, p. 322)

Se, por um lado, o neopentecostalismo tem uma postura aguerrida e proselitista, que demoniza entidades do panteão afro-brasileiro e é ativo na condenação do Outro (Oro, 2006; Almeida, 2009); por outro, a umbanda tem formas mais sutis de atuação e resistência, uma delas, possivelmente, é a busca pela afirmação da identidade como uma religião caridosa, que propaga o “bem”. A distância e a proximidade evangélica são elementos importantes de contraste, também porque o caminho inverso não deixa de existir. Seja porque a conversão não se mostra efetiva com o passar do tempo e o ex-umbandista/ex-candomblecista volta aos terreiros, seja por evangélicos que deixam sua denominação para se iniciar nas religiões afro-brasileiras.

Em uma disputa simbólica por adeptos e símbolos, a afirmação da umbanda como cristã poderia atuar criando identificação e encorajando a declaração como adepto. Isso porque, muitos daqueles que frequentam terreiros não se identificam enquanto umbandistas, ou por não se considerarem integrantes da religião ou por receio. Também pelo caráter de serviço religioso da umbanda, que se procura em um momento de aflição, mas que não entra em conflito com a religiosidade das pessoas, que é católica em maioria, dado que o catolicismo é o doador universal de adeptos religiosos. Os elementos cristãos poderiam funcionar, nesse contexto, como um fator de distinção e de legitimidade. Por outro lado, a valorização da identidade cultural africana presente



no candomblé poderiam levar os umbandistas à procurarem um caminho mais “autêntico” e “puro”.

Considerando que cada terreiro é um microcosmo (Negrão, 1996), agrupá-los em dois núcleos possibilita uma análise mais sólida da unidade de culto de que se trata, sua história e a comunidade que a compõe. A partir disso, pode-se sugerir que esses dois núcleos - cristão-espírita e o afro-brasileiro - estão sendo orientados por caminhos externos ao campo umbandista. Para além do fluxo de fiéis, os discursos são significados por disputas externas à umbanda, presentes no campo religioso brasileiro. Nesse sentido, esses caminhos externos - o núcleo cristão-espírita pelas religiões cristãs e o núcleo afro-brasileiro pelo candomblé - atraem esses núcleos como imãs. Esses campos magnéticos que atraem os núcleos da umbanda, provocam uma elaboração própria por parte dos agentes, que tentam dar respostas à essas transformações.

Considerações finais

Incorporar os valores - culturais e de classe - da sociedade representa, para a umbanda, o processo de integração à sociedade brasileira, buscando um lugar de legitimidade e aceitação social como religião (Ortiz, 1978, p. 147). A legitimidade é central para a construção da umbanda enquanto religião, tendo influenciado tanto sua consolidação no início do século XX, quanto às mudanças vivenciadas nos últimos dez anos. As questões e conflitos que a permeiam passam, invariavelmente, pela necessidade de legitimidade.

Essa legitimação começou se concretizar quando a umbanda surgiu e começou a crescer no cenário religioso, na primeira metade do século XX, consolidando-se como opção no mercado (Ortiz, 1978, p. 185). Entretanto, em um movimento reverso, de decréscimo no número de adeptos e perseguição, a legitimidade torna-se, novamente, central; impulsionando uma reinvenção religiosa, como meio de fortalecimento, o que envolve novas práticas, discursos, mídias, divulgação.

O espiritismo e o catolicismo têm um papel fundamental para a legitimação social da umbanda, sendo os pilares de seu processo de moralização. Foi pela incorporação de elementos dessas religiões, que ela enfrentou críticas e perseguições, sendo, atualmente, uma espécie de trunfo na resistência à ofensiva cristã evangélica. Ao adotar elementos do cristianismo social e culturalmente hegemônico – valorizados pela grande mídia - a umbanda busca, de alguma forma, reivindicar seu lugar no cenário religioso atual.



As concepções cristãs, sobremaneira a caridade, não foram apenas transplantadas do catolicismo e do espiritismo e incorporadas de forma superficial, pois tal “doutrina caritativa” passou por adaptação/ressignificação. A forma como a caridade é pensada e praticada na umbanda não está desconectada do contexto social em que está inserida, porque, é, também, pautada na vida real, no cotidiano de subalternos – e mesmo de não-subalternos, mas que, ainda sim, carentes de alguma forma (Negrão, 1996).

A umbanda, sincrética em sua formação, foi moldada pelo processo de modernização brasileira (Ortiz, 1978); se, nesse contexto, o nacional estava fortalecido e pensar na identidade nacional produzia sentido, com a globalização (Ortiz, 2006) o nacional perde força, e a afirmação passa a se dar em um nível particular; um possível caminho para o fortalecimento do candomblé em detrimento da umbanda. Isso porque no candomblé, a desconstrução do sincretismo passa pelo processo de “reafricanização” do culto e do resgate das origens trazidas da África, vivenciado a partir da década de 60, negando a sincretização como uma herança do colonialismo, do racismo e da violência da escravidão. Ao contrário da umbanda, que tanto em seu discurso, como na sua elaboração simbólica de origem se pensaria brasileira.

Além dessas mudanças no cenário religioso brasileiro, a umbanda também passou por mudanças internas. Atualizou-se, utilizando as mídias digitais e formas criativas de divulgação de atividades, sendo os canais no youtube o grande expoente dessa transformação. A religião vem passando por uma mudança de público, sobretudo no nível geracional, o que configura um importante elemento dessa mudança interna ao campo, que não pode deixar de ser relacionado com essa nova forma de comunicação. Se antes a umbanda era buscada em bairros afastados, ligadas a uma camada social mais baixa, com baixa escolaridade, atualmente o cenário não é mais esse. Há um público jovem e com maior escolaridade ingressando na religião, com isso a umbanda vem modificando sua imagem e arejando sua forma de comunicação. Com a internet, que em um ciclo retroalimentado, acaba levando os jovens e escolarizados para os terreiros, eles vão para internet divulgar a religião e trazendo novos adeptos. Se antes a umbanda era uma religião transmitida no cotidiano das pessoas, já que mesmo as localizações dos terreiros eram restritas, hoje é possível encontrar sites, blogs, páginas em redes sociais dedicadas aos terreiros, que buscam informar endereço, vídeos, datas e horas das cerimônias.

O público jovem começa a incorporar outras referências ao discurso religioso, como os conceitos e categorias presentes nas religiões new age, que se popularizaram no século



XXI, reatualizando o universo do sagrado para um novo contexto social - urbano, secularizado, individualizado, conectado. A importância tomada assumida pelas mídias digitais e esse ingresso de jovens na religião estão intimamente ligadas, porque são eles que consomem e produzem boa parte do conteúdo, mas também são responsáveis por realizar a mediação entre a internet e o terreiro, levam para os grupos religiosos e para os mais velhos a existência dessa ferramenta, conseguindo promover as plataformas, elegendo os canais mais legítimos e aqueles que melhor se adequa à umbanda prática, os canais também são responsáveis por levar esse público para os terreiros, porque eles se interessam pela religião conhecendo pelos canais e buscam em suas cidades/bairros os terreiros mais próximos. Nesse sentido, eles acabam se tornando uma ferramenta de promoção dos terreiros que possuem dirigentes/membros com canais no youtube que se tornaram famosos e assim são procurados por um maior número de pessoas, como há uma desconfiança com relação à idoneidade dos terreiros, aqueles que possuem canais passam a gozar de maior confiança.

A umbanda passa a ter que lidar com essa dualidade entre o discurso oficializado veiculado por esses canais, que reverberam nos terreiros e a real complexidade do campo umbandistas. Como Ortiz (1978) demonstra, sobre a busca da legitimidade pela umbanda e a incorporação dos valores dominantes na sociedade, o mesmo parece se repetir no discurso dos canais umbandistas. Há a incorporação para produzir legitimidade dos valores que estão presentes na sociedade hoje. Soma-se à essas transformações, a pressão externa do universo religioso brasileiro, que criam para a umbanda a necessidade de se adaptar e criar caminhos dentro dessas encruzilhadas.